

O Brioche Estragado

"Se me perguntarem qual a fatalidade de nossa época, responderia que são as esquerdas."

Nelson Rodrigues

Após a derrocada da URSS, Coréia do Norte, Leste Europeu e Cuba, alguns ainda persistem no erro. O ser humano continua apostando num modelo que deu errado, a despeito de Darwin. Nesta carta, beberemos um pouco das águas da consultoria Gavekal para falar sobre o momento atual da França, que parece rumar para uma segunda recessão pós-crise de 2008. **Faremos também um paralelo dos problemas do modelo econômico francês com o modelo para o qual o governo brasileiro caminha a cada dia que passa.**

Vamos ser claros: **a França de François Hollande está no meio de uma paralisia política, moral e econômica.** O desemprego alcança novas máximas, a confiança no governo entre os empresários se deteriora, a produção industrial afunda, bem como o consumo privado, que já cai para os patamares de pós-crise 2008.

O desenho rígido do sistema do euro indica que países como a França irão experimentar um brutal ajuste cíclico como nos tempos do padrão ouro (onde não se podia imprimir ou desvalorizar a moeda). **Os compatriotas de Asterix chegaram longe no experimento coletivista de bem estar social e agora rumam impávidos para o abismo.**

As crises daquela época (padrão ouro) seguiam um padrão bem estabelecido: começavam com investidores animados com os bons retornos aumentando cada vez mais as suas apostas, bancos afrouxando os seus padrões de crédito, dificuldade de distinguir os reais empreendedores dos charlatões e analistas comentando que *'desta vez é diferente'*. Isso ocorreu entre 1995 e 2007.

Depois vinha o pânico, com alguns investidores realizando que o retorno esperado não era mais aquele e vendendo suas posições, causando medo e movimentos súbitos no mercado Fase de algumas falências. Isso foi o que houve no biênio 2007-2008.

Na sequência, a fase de alívio com taxas de juros baixas, ajudas do governo e preços dos ativos retornando ao que eram antes da crise anterior. Então, as pessoas, erroneamente, concluem que a vida voltou ao normal. Isso foi vivido entre 2008 e 2012.

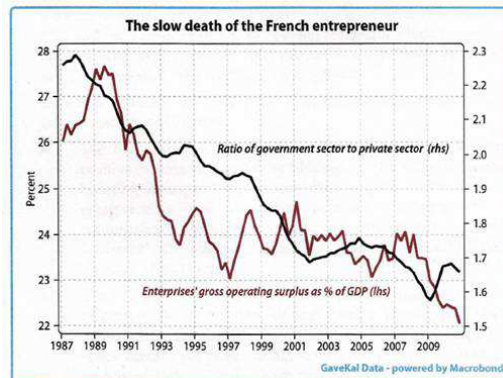
A fase que vem a seguir, em especial na França, é de depressão secundária, quando os investidores realizam que afinal o retorno dos investimentos continua bem baixo e, portanto vendem seus ativos. Os estudiosos da época do padrão ouro falam que essa fase pode durar entre três e cinco anos. A desvalorização da moeda, a única saída viável, está fora de cogitação pela estrutura do euro.

Mas se o problema é de desenho do euro, porque afinal a França é que vai primeiro para o abismo? Boa pergunta e começamos respondendo com o adágio popular (para os europeus) de que **"muitas casas na Espanha, muitas fábricas na Alemanha e muitos funcionários públicos na França"**. O gasto público na terra de Amélie Poulain representa 57% do PIB. Você não leu errado, é isso mesmo! **Quase 2/3 do PIB vem do setor público.**

É muita gente sendo sustentada por poucos. Como se sabe, **o 'estado' não cria riqueza e nada produz, ele apenas redistribui (com extrema corrupção e ineficiência) uma parte de quem produz para aqueles que não produzem (por incapacidade, doença ou por preguiça mesmo).** Na França, há uma relação de dois 'malandros' sendo sustentados por um 'trabalhador'. Não tem como dar certo, não é verdade?

O ciclo vicioso funciona assim: uma 'elite' captura o estado e cresce cada vez mais. Para sustentar a farra, novos impostos são criados, reduzindo a capacidade de investimento dos empreendedores, que, por sua vez, têm lucros menores e naturalmente pagam menos impostos. **Com a arrecadação em queda o que fazem os 'saqueadores' que tomaram conta do estado? Aumentam mais os impostos e contraem mais dívida (pública) para financiar o rombo.**

Chega ao ponto em que até o mais pacífico dos servos protesta, como foi o caso de Gérard Depardieu que recentemente se naturalizou russo para não ter que pagar 75% de imposto de renda. E veja que ele foi duramente criticado por não ser 'patriota' e 'fraterno'. **Trata-se do parasita se revoltando contra o hospedeiro que resolve tomar um vermífugo.** No gráfico anexo, a lenta agonia do empreendedor na França.



O irônico desse desenho político, é que na medida em que você aumenta o número de 'beneficiados', mais fácil fica de se perpetuar no poder através do voto da maioria. **Funcionários públicos, bolsistas, cotistas e alguns empresários que gostam da letra 'X', naturalmente tendem a perpetuar o sistema que lhes permite ganhar a vida sem muito esforço.**

Por hora, o que há é um sistema onde o setor público saqueia continuamente o setor privado. Esse assalto institucionalizado naturalmente cria um ciclo de queda econômica sem fim. **O resultado disso será o sucateamento da indústria, fuga de cérebros para o exterior, recessão, inflação e desemprego nas alturas.**

Esse avanço do estado francês sobre os empreendedores ocorre tanto em governos de 'esquerda' quanto de 'direita'. Sarkozy, a despeito de ter um senso estético melhor do que o de Hollande, na prática tocou a mesma música. **O problema é cultural, ou indo mais fundo: trata-se da falência moral de uma sociedade.** As elites francesas de fato acreditam que a tecnocracia comunista é melhor do que o capitalismo, e essa crença é aceita por grande parte da população. A música vai tocar até que o financiador dessa dívida continue aceitando isso e também até que o último empreendedor francês arrume as suas malas para Palo Alto, Nova York ou Cingapura. Um dia a farra termina.

E o que isso tem a ver com o Brasil? Acho que não precisa ter muita imaginação para traçarmos um paralelo com os charmosos franceses. Temos muito do que eles tem. Um 'estado' voraz e saqueador do setor privado, baixo crescimento, inflação, uma cultura 'esquerdizante', uma dívida pública que só cresce, uma indústria decadente, muitos 'direitos', poucos 'deveres' e uma demografia que daqui para frente teremos cada vez mais menos gente trabalhando e mais gente aposentada. Além disso, ainda temos corrupção endêmica e um nível educacional péssimo.

De positivo o Brasil tem uma capacidade (espero, ainda) de corrigir suas rotas e seus descaminhos. Caso não mudemos o nosso passo, seguiremos para o abismo, só quem sem a educação, charme, vinho e o TGV dos franceses.